



"Ivan, Ivan,

Entre as poucas fotografias de infância, há dias encontrei uma em que estamos abraçados.

Provável que estivéssemos pelos quatro a seis anos. Calças compridas de linho, camisas de mangas de punho, de tricoline talvez, roupas iguais e rostos diferentes que, não obstante, antecipavam os rostos adultos..."

# PREFÁCIO A *QUERIDO IVAN*

Lúcio Flávio Pinto  
Jornalista

Terminei de ler emocionado as 21 cartas escritas por Haroldo Maranhão, do Rio de Janeiro, para o irmão Ivan, moribundo em Belém. Nossa cidade paraense jamais havia sido descrita daquela maneira. Surgia viva e nova, autêntica e pulsante naqueles textos. Mesmo que eu não tivesse vivido nessa cidade, ou sequer a conhecesse, ela passaria a ser minha também a partir do momento em que finalizei a leitura, às lágrimas. Eu tinha que agradecer a Haroldo duplamente: como belenense (honorário e amoroso) e como ávido leitor de livros. Mas eu não podia me permitir o cúmulo do egoísmo: tinha que partilhar minha alegria. Decidi, então, transformar aquele conjunto de cartas num livro, *Querido Ivan*: (os dois pontos o Luís, meu irmão, suprimiu involuntariamente na digitação eletrônica).

Após cinco décadas de intensas leituras, eu tinha certeza de que aquele seria um livro de alto valor literário, capaz de honrar qualquer país. No entanto, circulou apenas em Belém, em parte por culpa do limitado editor (mas em parte por nosso Samuel Johnson ser um embuste). Nenhuma linha a respeito no círculo hegemônico da cultura brasileira (só da cultura, cara-pálida?). Nenhum nome batizado da crítica se manifestou, embora exemplares tenham sido endereçadas a algumas bestas sagradas (mais do primeiro componente do que do segundo). Não leram. Se leram, calaram. Azar o deles. Azar maior o deste país, indiferente à grande obra que Haroldo construiu em quase quatro décadas como escritor de livros. Tardio, como alguns dos maiores escritores mundiais. Precioso em cada uma das suas manifestações, como raros.

Há um "caso" Haroldo Maranhão neste país. Não conheço nenhum escritor vivo com maior domínio da língua nacional. Esse domínio não se manifesta apenas pelo conhecimento de regras gramaticais ou pelo polimento de estilo que se conquista através da boa leitura. É um domínio erudito, que se espraia da etimologia à semântica, da sintaxe à história da língua. De quem dialogou com o acervo mais rico e generoso da construção lingüística, o dicionário, e sua sublime criação, a ficção. Não num trabalho de coleta de excitações, numa classificação morfológica ou anatomista, mas num diálogo com as entranhas e com as externalidades da língua, se me permitem os economistas.

A obra de Haroldo se aproxima da de Guimarães Rosa, com a diferença de que o escritor paraense trocou os experimentos de linguagem, a busca de uma aproximação do signo em relação ao sentido (ou, pelo contrário, seu distanciamento até a autonomia absoluta da palavra, que se torna objeto em si), pelo controle absoluto da palavra como meio de expressão, como ferramenta de traduzir e engendrar histórias. Nada há parecido a isso na literatura brasileira atual, onde os experimentos são formalistas e costumam ser estéreis.

Mas onde Haroldo Maranhão nela aparece? Na verdade, não aparece. É ignorado. Não pertence a panelinhas, nem forma confrarias. Incomoda: como explicar sua maravilhosa, sofisticada e densa literatura, mais vanguardista do que as vanguardas dicionarizadas pela crítica militante, sendo do Norte, não tomando a bênção dos *bwanas*, nem se curvando às celebridades? Haroldo tem sido boicotado, sabotado, maltratado, espezinhado. Isso, porém, não é o bastante para desestimulá-lo. É um alquimista das letras: tudo que toca vira ouro. Como essas cartas que publiquei em Belém, três anos atrás, para as quais escrevi o prefácio abaixo, aqui reproduzido, para que do contraste entre o prefácio desinteressantíssimo e o texto criativo do autor para o qual se propôs ser a ponte emirja aquele quê de curiosidade que costuma ser o elo com a surpresa prazerosa, agradável, rejuvenescedora, que conforta e alimenta, restabelecendo (ou firmando) o compromisso com a vida e a história, conosco mesmo e com nossa gente, com nosso tempo.

Quando ultrapassarem este ocioso prefácio, os leitores deste livro dividirão comigo o prazer e a alegria de ler o melhor texto já escrito sobre Belém. Um texto literário? Mais do que tudo. Páginas de memória? Também. Uma catilinária? Não deixa de ser. Igualmente, uma declaração de amor, apaixonata.

Ao longo de 21 dias, entre 26 de março e 15 de abril de 1993, Haroldo Maranhão escreveu do Rio de Janeiro 21 cartas para o irmão Ivan, dois anos mais novo, que agonizava em Belém do Pará, terra nata de ambos. O destinatário já não estava na plenitude das suas condições físicas para apreciar por inteiro a beleza e o significado do material que lhe era enviado. Mas sua alma deve ter tirado, das linhas escritas com devotado afeto pelo irmão, o último alento para suportar as dores da doença cruel que acabaria vencendo-o. Ivan se foi no dia 16 de abril de 1993, mas sua memória estará garantida eternamente a partir do momento em que este livro circular por sua terra querida.

Não ficará apenas nela, porém. A reunião em livro das cartas de Haroldo a Ivan não é uma empreitada de província, nem uma ação entre amigos. Talvez se Charles Dickens tivesse vivido em Belém entre as décadas de 20 e 40 deste século, tema dominante nas 21 cartas, poderia ter produzido mais um entre seus romances. Material humano não lhe iria faltar. Não será dickensiana a história de duas crianças que nascem e crescem confinadas no alto da vetusta sede do jornal do avô, o maior, mais combativo, temido e também odiado do lugar, às vezes escrito quase todo pelo furioso Paulo d'Albuquerque Maranhão? Crianças que, não tendo jardim nem quintal, faziam das oficinas campo de futebol e transformavam uma lavanderia azulada em piscina, sem profundidade para os mergulhos, mas com lâmina d'água ensaboada para os nados de peito-sobre-o-chão - modalidade não-olímpica, naturalmente.

Crianças que não podiam sair à rua: iam e vinham engaioladas no rústico e solitário veículo da empresa para evitar os inimigos do avô e suas armadilhas vingativas. "Creio que jamais viajamos de ônibus, tudo à conta dos ódios políticos que lavravam na cidade", observa Haroldo. Durante 13 anos, os Maranhão praticamente ficaram homiziados em casa, que era ao mesmo tempo a sede do jornal, abrigando todas as suas dependências, da oficina à redação. Ao invés das tradicionais brincadeiras infantis, os dois Maranhão varões, "meninos-abelhudos que não tinham infância", brincavam de ser jornalistas ou gráficos. Ficavam expostos a um relacionamento imprevisível, surpreendente e, por vezes, perigoso, que os fez amadurecer antecipadamente. As relações internas no jornal podiam se tornar tão tensas quanto o litígio externo; as crianças eram tomadas como válvula de escape. Ao recordar os fatos, Haroldo deixa claro que aprendeu, nesse andar sobre lâmina, a preservar a integridade sem perder a capacidade de entender a situação, uma visão penetrante, passional e lúcida, indignada e reflexiva, a marcar sua literatura, neste como nos muitos livros anteriores de uma obra ainda em progresso, apesar de já ser extensa e sólida.

O lar-jornal era também um palco para abrigar as amostras humanas de uma cidade dotada de vida própria, de personalidade, única em um mundo que ainda não se globalizara se nivelando por baixo. As pessoas eram tipos, nem sempre ideais, mas de qualquer maneira característicos. Eram "figuras", expressando um universo particular, da cidade de origem portuguesa que se adaptou ao trópico. Do clássico médico de família, com vigor para desenvolver uma teoria musical segundo a qual as grandes sinfonias de Beethoven são as ímpares, até o próprio pai de Haroldo e de Ivan, e de mais sete mulheres, presidindo os almoços "heterogêneos e democráticos" com blusa de pijama e chinelos, pronto para a sesta que se seguiria ao pantagruélico repasto, numa Belém compassada, larga, ventilada (com ventos impudicamente generosos, a ponto de terem amputado um dedo de Haroldo), uma Belém que renunciou a seus princípios e idiosincrasias em nome de um progresso que os catalães deixam à porta na bela Barcelona, todos os dias, entre uma e quatro da tarde, enquanto dormem, jogam cartas, fornicam ou simplesmente fazem o tempo se evaporar na modorra, escravo do homem — e não o inverso.

Belém que arriou todas as suas muralhas e cedeu todas as suas cidadelas à mais primária imitação da corneta de jericó, via satélite, cadenciada pelo tilintar das 30 moedas. Essa Belém do passado que revive nas cartas de Haroldo para viver para sempre, graças à maestria do artesão do texto e da alma avarandada pela luz da sua generosidade. Prestando atenção às situações e pessoas descritas por ele fica me perguntando se a associação certa é mesmo com Dickens, ou se não fica mais justa com o Thomas Mann dos *Buddenbrooks*, ou com o James Joyce dos *Dublinenses*, ou... com o Haroldo Maranhão do *Rio de Raivas*, ou de *Os Anões*, ou dos *Cabelos no Coração*, ou dos diários, que algum dia, esperamos, ele haverá de nos ceder para completarmos esse reingresso (que é também saída) na Belém de ontem, de hoje e da eternidade, a Belém agora incorporada à tradição literária mundial.

Os que eventualmente se sentirem atingidos de alguma maneira pelas referências datadas e personalizadas deverão acrescentar que há também um Haroldo cáustico, amargo, rancoroso. Esse tipo de reação foi sentida e sofrida por todos os outros criadores que voltaram no tempo, voltando também no espaço de suas vidas, para ver tudo exatamente como tudo foi, as coisas boas e ruins, o certo e o errado. Para nos dar este belo texto, porém, Haroldo foi além do tempo e do espaço corpóreos, físicos. Suas cartas são a melhor e mais pura literatura que Belém já inspirou. É claro que elas também transpiram história, uma história sem final feliz, sem heróis imaculados, sem um grande vencedor.

Os dois meninos criados nas entranhas de um jornal ao mesmo tempo agressor e agredido, que começaram o bê-a-bá lendo ou cotejando provas tipográficas, assumindo a revisão de textos antes que os pés pudessem roçar o chão sob a cadeira em que sentavam, no desempenho de ofício privativo de gente muito mais velha, vivida e gasta, esses meninos foram jornalistas de primeira linha. Haroldo manteve-se na *Folha do Norte*, sob o comando do avô e do pai, e ali se entreteve, aceitando funções abaixo do que era devido aos seus méritos, enquanto pôde editar um suplemento literário (o melhor do Norte e Nordeste do país). Mas não dispunha da cega confiança nem oferecia a irrestrita obediência que o avô exigia para dividir o poder no jornal, que

exerceu monocraticamente, amado, talvez, apenas pela mulher, dona Waldomira, "um homem terrivelmente solitário" pelo respeito geral mantido à distância. Suspeitava o avô, como, de resto, o próprio pai, de alguma tintura vermelha nas idéias do neto, idéias que sempre caminharão pela vertente esquerda do pensamento.

Já o irmão, presenteado com algo raro na sua época (um ano de estudos nos Estados Unidos aos 17 anos, quando os que saíam da taba tomavam apenas o rumo da Europa, ainda então nossa matriz mental e intelectual), teve que procurar seu próprio caminho ao ver bloqueadas as portas de acesso ao grande jornal da família. Não sem uma certa melancolia. Haroldo lamenta que a permanência de Ivan nos EUA não se tivesse prolongado: "A história da imprensa paraense teria sido outra".

A história ciclópica da família Maranhão no comando de um jornal efervescente ao longo de seis décadas teria um desfecho melancólico, a farsa culminando - e negando - o drama até então desenvolvido, exatamente porque os dois varões, preparados para a sucessão do grande panfletário dentro de suas próprias entranhas, foram desviados do seu destino histórico. Um tio levantino, que se estabelecera no Rio de Janeiro, reuniu forças para tomar o comando da empresa das mãos daquele personagem a quem o bastão sucessório naturalmente deveria passar, o velho João Maranhão, pai de Haroldo e Ivan. A partir daí, o fim da Folha do Norte seria apenas uma questão de data. Já estava decidido.

Quando Ivan submergiu, aos 64 anos, ainda pôde divisar, na precária leitura das cartas enviadas do Rio de Janeiro, uma cena que deve tê-lo alegrado e revigorado para a derradeira e mais misteriosa das viagens: o irmão Haroldo, firme e forte, revendo o que viveram e sentiram, e garantindo, com a cobertura deste texto primoroso, a perenidade de suas vidas. Para prazer e alegria de todos nós, favorecidos agora pela leitura deste livro precioso.

Belém, novembro de 1998.



“A foto de hoje é curiosa: os cabelos sem gumex, um cacho desabado sobre a testa do menino austero, mais para zangado?”

(*Querido Ivan*, Edição Jornal Pessoal, Belém, 1998)